

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração das obras de ampliação da siderúrgica ArcelorMittal Tubarão

Vitória-ES, 29 de novembro de 2007

Suas Altezas Reais, o grão-duque Henri de Luxemburgo e a grã-duquesa Maria Teresa,

Meu querido companheiro Paulo Hartung, governador do estado de Espírito Santo,

Meu caro amigo Mittal, falo amigo porque já me encontrei com o Mittal na Índia, já me encontrei em Davos, já me encontrei em Londres, já me encontrei no Brasil. Depois de tantos encontros, posso considerá-lo amigo, o nosso presidente do Conselho de Administração do Grupo ArcelorMittal,

Meu companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu caro Ricardo Ferraço, vice-governador do estado do Espírito Santo,

Meu caro Guerino Zanon, presidente da Assembléia Legislativa do Espírito Santo,

Desembargador Jorge Góes, presidente do Tribunal de Justiça,

Senadores Gerson Camata e Renato Casagrande,

Meu caro José Armando Campos, presidente da ArcelorMittal,

Meu caro Roberto Luiz Cesário, representante dos trabalhadores da ArcelorMittal Tubarão,

Integrantes da comitiva do grão-duque de Luxemburgo,

Companheiros deputados federais, Camilo Cola, Jurandy Loureiro, Lelo Coimbra e Neucimar Fraga,

Prefeitos aqui presentes, eu vou cumprimentar João Coser, de Vitória, cumprimentando todos os prefeitos aqui da região,

Secretários municipais,

Secretários estaduais,

Fornecedores da ArcelorMittal,

Clientes da ArcelorMittal,

Representantes do setor siderúrgico brasileiro, eu estou vendo muitos

aqui,

Meus amigos empresários,

Trabalhadores,

Meus amigos e minhas amigas,

O meu discurso, meu caro Gerdau, fala da ArcelorMittal. É impossível falar depois de ouvir o presidente, o presidente do Conselho, o grão-duque, o governador e, ainda, o operário. Eu vou ter que falar de outra coisa aqui, para que os meus amigos de Luxemburgo ouçam um pouco um discurso sem falar tanto de aço. Vou falar um pouco do Brasil.

Todo mundo aqui no estado do Espírito Santo, como este estado tem uma costa marítima extraordinária, sabe o que é construir um castelo de areia e, quando a gente está quase terminando, vem uma onda e desmonta o castelo de areia. Quantos dos pais não ficam sentados na praia construindo um castelo de areia para o seu filho e, quando pensam que vão dizer para o neto ou para o filho: “está pronto”, vem uma onda e desmonta o castelo. O Brasil viveu inúmeros momentos de construção de um castelo que foram demolidos por ondas que nós poderíamos ter evitado.

Durante muito tempo este País, como se fosse o botão de uma rosa, esteve pronto para desabrochar. Mas, em algum momento, alguém esquecia de colocar um pouco mais de água ou esquecia de colocar no sol, e muitas vezes este País tão pujante caía na desesperança, na frustração. Vivemos momentos exuberantes, estivemos muito próximos de subir o pódio e sempre aparecia alguma coisa para desmontar a nossa alegria. Foram assim momentos históricos da nossa história, foram assim muitos planos econômicos. Todo mundo aqui se lembra de momentos de alegria, em que parecia que as coisas iriam acontecer de verdade no Brasil e as coisas não aconteciam. Isso vale para o Brasil como nação, isso vale para os estados e vale para os municípios.

O Brasil, hoje, está vivendo o momento de construção de um castelo de areia. Mas nós tiramos o castelo de perto da praia, estamos levando um pouco d'água mais longe, estamos tentando molhar a areia e fazer o castelo, para não permitir que uma onda inesperada venha a derrubar.

Eu me lembro, quando encontrei o Mittal na Índia, a Índia atingia naquele

momento 100 bilhões de dólares em reservas e eu, com o então ministro da Economia, ministro Palocci, ficava dizendo: o dia em que o Brasil tiver 100 bilhões de dólares em reservas, nós mudaremos a história do País. Menos de dois anos depois, Gerdau, nós estamos com 176 bilhões de dólares em reservas.

Estou dizendo isso para dizer para vocês que nem tudo ainda está construído. O alicerce está pronto para que o castelo seja definitivo e duradouro. As bases estão se consolidando, necessitando de algumas reformas que precisam passar pelo Congresso Nacional nos próximos anos. Alguns ajustes precisam ser feitos ainda no Brasil, mas o alicerce está pronto, o modelo está elaborado, o projeto está definido. Agora, depende única e exclusivamente que nós – governo, os três entes federados, a classe política brasileira, os empresários e trabalhadores – provemos que temos capacidade de fazer o resto.

Em primeiro lugar, é preciso que todo mundo tenha consciência de que a política macroeconômica, a estabilidade monetária, uma boa política fiscal e o controle da inflação são imprescindíveis para que a gente possa continuar a nossa trajetória. Eu conto sempre uma história do trabalhador que recebe o décimo-terceiro. Vocês vão pagar ou já pagaram, mas até o dia 20 de dezembro, paga-se o décimo-terceiro. E tem trabalhador que recebe o décimo-terceiro em dezembro, recebe o pagamento em dezembro, e ainda recebe metade das férias. Então, o trabalhador vai para casa com uma bolada razoável. Se o trabalhador for responsável, ele vai gastar apenas o necessário e vai guardar um pouquinho, porque quando chegar o mês de fevereiro vem imposto de renda, vem IPVA, vem IPTU, vem uma série de coisas que ele tem que pagar. Se ele não guardar o dinheiro, ele vai chegar em fevereiro tomando dinheiro emprestado e vai passar o ano pagando a dívida pelos gastos que ele fez em dezembro, com o décimo-terceiro.

Eu quero me comportar como um trabalhador responsável, ou seja, eu sei que se eu errar, eu sei que se eu fizer uma dívida maior do que aquela que eu posso pagar, eu posso até não sofrer as conseqüências, mas os que virão depois de mim sofrerão as conseqüências. Durante muito e muito tempo, os governantes deste País, de estados e municípios, contraíram dívidas impagáveis que, se eles continuassem governando, eles próprios iriam se

mandar prender pela irresponsabilidade administrativa. Nós já aprendemos que uma boa administração parte do exemplo da casa da gente. A gente não pode gastar mais do que a gente ganha, e não pode gastar mais do que o limite do nosso endividamento, do que permite que o nosso salário pague porque, mais dia, menos dia, a conta aparece e alguém vai ter que pagar.

No Brasil, nós já vivemos momentos excepcionais. Este País já cresceu, durante anos, a 7% ao ano; este País já cresceu, durante anos, a 10% ao ano. Durante 30 anos, este País teve a economia mais crescente do mundo. Entretanto, as pessoas acharam que o dinheiro nunca iria faltar e que a gente poderia gastar mais do que o devido, mais do que aquilo que um homem ou uma mulher responsável tem que gastar. Nós temos estados, no Brasil, em que o pagamento da folha de pagamento de inativos é maior do que a folha de pagamento da ativa. Então, é preciso quase que um milagre para consertar.

Nós conseguimos o primeiro grande sinal. O País está com muita credibilidade no exterior, exatamente pela seriedade com que cuidamos das finanças deste País. As nossas exportações continuam crescendo e, cada vez mais, nós precisamos diversificar os países compradores do Brasil, para que a gente não fique dependente apenas de um grupo ou de um bloco. A economia interna está crescendo, que é outro fator importante que os empresários do Espírito Santo conhecem.

O Brasil não sabia combinar crescimento externo com crescimento interno, ou matava um ou matava o outro, como se não pudesse nascer um casal de gêmeos. Nós, agora, estamos crescendo as exportações e estamos crescendo o mercado interno, que está a exigir do setor siderúrgico brasileiro mais aço, mais vergalhão, mais chapa, mais o que vocês puderem produzir. E olhe que ainda nem lançamos a nossa política industrial, que está pronta. Se tudo der certo, por esses dias nós vamos lançar a proposta de política industrial.

A construção civil, depois de 26 anos crescendo menos do que 2%, dá sinais extraordinários de recuperação e robustez. Os empresários sabem que neste País o sistema financeiro não financiava habitação porque se o comprador não pagasse, não tinha como tomar. Parecia muito bonito e parecia que estava defendendo o comprador, só que não tinha financiamento, então também não tinha comprador. Nós mudamos as regras. Hoje, o sistema

financeiro está financiando setores de classe média, que estão comprando como nunca compraram. A indústria automobilística brasileira, que durante 20 e poucos anos fechou todo final de ano em vermelho, está produzindo e vendendo como nunca vendeu na história deste País. Hoje até caminhão está se esperando quatro meses para comprar, e isso porque nós ainda não começamos a renovar a nossa frota de automóveis.

Estou falando de coisas que precisam de aço. Saio daqui e amanhã vou assinar contratos no Rio de Janeiro para a construção de mais quatro navios para a Petrobras. Significa mais aço, mais chapa e, portanto, mais produção do setor siderúrgico do Brasil. Durante muito tempo, por conta do mercado interno, nós ficamos olhando a China crescer e nós não fizemos os investimentos que deveríamos ter feito no Brasil. Não era a China que deveria estar produzindo 450 milhões de toneladas. Como o Brasil é um país que tem um poderio de minérios como nenhum outro tem, nós poderíamos, pelo menos, estar produzindo 100 milhões de toneladas. Esse é o desafio que está colocado para nós, é o desafio de nos transformarmos numa grande potência, fazendo as parcerias que foram feitas aqui e vendendo esse aço para o mundo.

Além disso, meus amigos e minhas amigas, o Paulo Hartung falou de uma coisa interessante, de uns números do IDH anunciados pelo PNUD, em nome da ONU, no Brasil. É importante lembrar que aqueles são dados de 2005. Eu até pedi ao PNUD, Paulo Hartung, que viesse em 2012 anunciar os dados de 2010, porque eu estou certo de que os de 2006 serão melhores do que os de 2005. Eu estou certo de que os de 2007 vão ser melhores do que os de 2006. Estou certo de que os de 2008 serão melhores do que os de 2007. Os de 2009, melhores do que 2008. Os de 2010, melhores do que 2009, e Deus queira que aconteça o que eu acho que vai acontecer: que nós vamos entrar no IDH quase próximo aos países desenvolvidos.

Falta muito para a gente recuperar o espaço perdido, e eu acho que nós vamos precisar recuperar, porque são duas gerações e meia que nós perdemos neste País. Gerações que, hoje... Quando a gente vê na televisão meninos sendo presos, com 24 anos, isso é resultado de modelos econômicos equivocados, é resultado da inexistência de políticas sociais, é resultado de pessoas que imaginavam governar este País apenas para 35 milhões de habitantes, quando nós temos quase 190 milhões de habitantes.

Eu estou convencido de que depois que nós encontramos esse rumo, e não é mérito do presidente da República, não foi mérito do governador, é mérito deste País que, finalmente, voltou a ter esperança, que, finalmente, voltou a acreditar em si mesmo. E o que os dirigentes têm que fazer? Apenas ter comportamento que demonstre essa seriedade. Porque também, Paulo Hartung, muitas vezes, os governantes deste País brincaram com as suas relações internacionais, assinavam contratos e não cumpriam, diziam que iam pagar e não pagavam, diziam que iam comprar e não compravam. E as pessoas que vão tentando ser espertas, achando que podem enganar todo mundo, um dia caem em desgraça.

Pois bem, nós hoje estamos aqui e ouvimos os discursos do governador e vimos que este estado finalmente está pronto. Mas aqui tem outros governadores que pegaram momentos bons deste estado. Tem outros que não estão aqui, que pegaram os estados falidos e quebrados, porque quando o País vai mal, os estados vão mal. Quando o País vai bem, os estados vão bem. Quando o estado vai mal, as cidades vão mal. Agora, as coisas estão confluindo para que o Brasil possa demonstrar ao mundo que, definitivamente, nós queremos subir no pódio dos países desenvolvidos. Nós queremos sair dessa fase, primeiro de país em via de desenvolvimento. Não, primeiro, país subdesenvolvido, depois em via de desenvolvimento, agora somos Brics, agora o nome já virou mais chique.

E essas coisas começaram a melhorar. Encontramos uma boa reserva de petróleo. Se Deus quiser, logo, logo, encontraremos uma boa reserva de gás. Nós estamos, hoje, construindo 75% das nossas plataformas de petróleo com componentes nacionais. Vocês estão lembrados que há cinco anos diziam que a gente não sabia construir. Nós estamos recuperando a indústria naval brasileira, que estava quebrada. Em 2003, tinha apenas 2 mil e 600 trabalhadores, hoje já está com quase 40 mil trabalhadores. Vamos, agora, começar uma revolução no setor petroquímico. Eu posso dizer para vocês que vai ser a coisa mais importante que vai acontecer quando começarmos a construir o Comperj, no Rio de Janeiro. Essa associação agora entre a Petrobras, Suzano e Braskem é uma revolução do pólo petroquímico de São Paulo. Na área de biocombustíveis, é importante, extremamente importante, que Suas Altezas Reais, o grão-duque e a grã-duquesa, levem para a Europa a

certeza de que o Brasil entrou definitivamente na era do biocombustíveis e que vamos mostrar para o mundo que é possível a gente desaquecer o Planeta plantando combustíveis, ao invés de ficar queimando combustíveis fósseis. Mesmo depois da descoberta do pré-sal, nós vamos continuar apostando nos biocombustíveis.

Aqui tem empresários, o Gerdau participou do nosso lançamento de política de ciência e tecnologia. São 41 bilhões de reais que vamos investir em ciência e tecnologia até 2010. Iremos quase que dobrar o número de bolsas do CNPq e da Capes para que a gente possa aprimorar e aperfeiçoar os doutores neste País. Ao mesmo tempo – e é importante que o Mittal ouça isso – em 2010, estaremos entregando neste País 214 escolas técnicas profissionais, 14 universidades novas, mais de 50 extensões universitárias, porque se a gente não se preparar, formando engenheiros e formando profissionais competentes, nós não definiremos a nossa chegada ao pódio.

E graças a Deus este País, quando vocês olharem o Mapa Mundi, do lado que vocês quiserem, vocês vão ver que este é um país de paz. Este povo, há mais de um século, não sabe o que é guerra e nem quer guerra. Nós gostamos de trabalhar, gostamos de estudar, gostamos de samba, gostamos de carnaval, gostamos de futebol. Mas, sobretudo, nós gostamos e queremos nos transformar numa grande nação, numa nação do tamanho do seu território, numa nação em que a riqueza seja distribuída de forma mais justa, numa nação em que o acesso à escola não seja privilégio do berço social em que nasceu a pessoa. E eu acho que nós estamos perto disso.

Por isso, eu quero agradecer tanto às Suas Altezas, quanto ao Mittal, quanto aos companheiros da ArcelorMittal Tubarão, por acreditar neste País e fazer investimentos. Eu posso dizer para vocês: vocês não encontrarão trabalhadores mais criativos e mais qualificados em nenhum lugar do mundo e, certamente, vocês não terão em lugar nenhum do mundo uma fábrica capaz de ter a produtividade que vai ter esta fábrica. E mais ainda, dificilmente encontrarão um País com um povo tão extraordinário como o povo brasileiro. Aqui, nós gostamos muito mesmo é de tratar os outros bem, porque nós também gostamos de sermos tratados bem.

Muito obrigado a todos vocês e vamos acreditar neste País, porque o nosso momento chegou.

